

PASQUAL LOURENÇO

Ilustrações: Adriano Renzi



O MISTÉRIO DO APARTAMENTO SORRISO

18ª EDIÇÃO





O ZELADOR É UM *SHOWMAN*

O zelador daquele pequeno prédio de apartamentos mais parecia um comediante de televisão do que o funcionário encarregado da manutenção e da segurança do edifício. Gostava de ter sempre algumas pessoas em torno de si, principalmente crianças. Ele era um sujeito realmente muito engraçado. Deus lhe havia dado o carisma necessário para que fosse feliz, transmitindo bom humor a quem estivesse ao seu lado.

Seu Zeca era um alagoano sessentão que gostava de brincar e contar piadas para a garotada. Careca, poucos cabelos só nos lados da cabeça, um nariz de bolota. Suas funções ali na portaria eram, entre outras: receber correspondência, desconversar vendedores chatos, cuidar das plantas do saguão, proibir crianças de brincar no elevador, não permitir zoeira de adolescentes nos corredores, fazer com que imperasse a lei do silêncio após as vinte e duas horas (nos dias de festinha de aniversário, ele dava uma tolerância de meia hora, que se esticava para uma hora ou mais) e, a mais desagradável das incumbências: entregar um a um aos moradores os carnês do condomínio.

Todas essas obrigações, seu Zeca as realizava com tamanha galhardia que ninguém conseguia ficar chateado com ele. Para as crianças ele era um xodó. Contava piadas e distribuía pirulitos. Tinha um prazer imenso em rir ou fazer alguém rir com suas tiradas e gracejos. Seu Zeca era, como se dizia antigamente, um pândego. E conseguia manter a ordem com seu jeito bonachão. Mas também ele tinha sorte.



Naquele prédio só moravam pessoas educadas e de bom-senso. Quarenta famílias ali residentes significavam a presença diária do entra e sai de cento e vinte crianças. De bebezinhos a adolescentes. Era um verdadeiro batalhão infantojuvenil. Naquela comunidade era muito difícil, se é que alguma vez aconteceu, alguém brigar. Parece que a sorte tinha escolhido e peneirado para que morassem naquele prédio só pessoas marcadas pela bondade e altivez. Era uma grande família, que destoava dos outros edifícios ao redor, habitados por gente sisuda. Em São Paulo, o prédio era um oásis de serenidade no meio de um mar de neuróticos. E quem comandava essa verdadeira Sinfonia da Alegria era o maestro, ou melhor, o zelador, seu Zeca.

Seu Zeca adorava todos os moradores do prédio, mas tinha uma especial predileção por um casal e seus quatro filhos. Como ele dizia, “naquela família, um melhor que o outro”. Mamãe, uma simpatia. Papai, cortês e sem poses. As crianças, muito educadas. E, além de tudo, um sexteto sorridente. Seu Zeca os apelidara de “A Família Sorriso”.





A FAMÍLIA SORRISO

Regina, Raul, Ricardo e Reinaldo são os filhos. Renato, o pai. Marta, a mãe. Esta é a Família Sorriso.

Vivem a rotina de quase toda a classe média. Durante o dia, as crianças na escola. Papai no escritório de advocacia e mamãe na agência de publicidade. E a doméstica é Juju.

As crianças estudam de manhã e à tarde cuidam das tarefas escolares, ao mesmo tempo em que assistem à televisão.

Após o jantar, no sofá, os filhos contam para os pais tudo o que aconteceu durante o dia. Regina, a caçulinha, não quer sair do colo do papai. Raul gosta de pegar no sono com a cabeça caída no ombro da mamãe. Reinaldo e Ricardo, os mais velhos, conversam animadamente.

E é bom não esquecer uma característica desta família. Todos estão sempre com um sorriso nos lábios. Eles são assim. Razão teve seu Zeca quando escolheu este fantástico apelido para eles: A FAMÍLIA SORRISO.





PRIMO GORDO E O CACHORRINHO DOENTE

Miniatura era um típico cachorro de apartamento. Só latia quando tocavam a campainha, depois refugiava-se em sua casinha, na área de serviço, ao lado do quartinho da empregada. Ia para a sala quando era chamado para fazer gracinhas às visitas. Miniatura era um cachorrinho comportado.

Agora, por causa de Miniatura a família toda estava triste e preocupada. É que ele estava doente. Quatro veterinários não tinham descoberto qual era o seu mal. Não latia mais, não comia. Emagrecera muito, os pelos caíam e nem sequer tinha ânimo para beber água. O cachorrinho vivia de olhos fechados, com jeito de quem quer dormir, parecendo que ia morrer.

Seria inútil levá-lo a outro veterinário. O que fazer? Esperar que ele morresse? Não, só de pensar nisso as crianças entravam em pânico. Regina, olhos marejados, quase chorando, com Miniatura no colo, é que teve a ideia:

— Mamãe, papai... Por que não chamamos o Primo Gordo?

— Isso mesmo — falou Raul. — Só o Primo Gordo poderá salvar Miniatura.

Ricardo e Reinaldo também se entusiasmaram:

— É, papai. Chame Primo Gordo.

— É verdade, mamãe. O Primo Gordo tem sempre solução para tudo.

Dr. Renato concordou imediatamente. Claro, só o Primo Gordo, quem, senão o Primo Gordo? O Primo Gordo! Esse,

